

O TELEFONE DE TOLEDO

Eduardo Dantas

The logo for GZ Editora, featuring the letters 'G' and 'Z' in a stylized font, with a horizontal line above them and the word 'EDITORA' below.

EDITORA

Rio de Janeiro
2026

1ª edição – 2026

© Copyright: *Eduardo Dantas*

Presidente do Conselho Editorial: *Nelson Nery*

Conselho Editorial: • *Álvaro Mayrink* • *André Brandão Nery Costa* • *Araken de Assis* • *Arnaldo Rizzardo* • *Arruda Alvim* • *Cláudio Brandão* • *Florisbal de Souza Del' Olmo* • *Geraldo Magela Alves* • *Mathias Coltro (in memoriam)* • *Nelson Nery Costa* • *Sylvio Capanema de Souza (in memoriam)* • *Tânia da Silva Pereira* • *André Gustavo Corrêa de Andrade* • *José Roberto de Castro Neves* • *Fátima Cristina Santoro Gerstenberger* • *Eduardo Vasconcelos dos Santos Dantas* • *Roberto Rosas*

Diagramação: *Olga Martins*

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

D21t

Dantas, Eduardo

O telefone de Toledo / Eduardo Dantas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : GZ, 2026.
402 p. ; 24 cm.

Inclui índice

ISBN 978-65-5813-181-6

1. Dantas, Eduardo Vasconcelos dos Santos, 1973-. 2. Biografia - Homens - Brasil. I. Título.

26-107573.0

CDD: 920.71

CDU: 929-055.1



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

10/09/2026 10/09/2026

O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei nº 9.610, de 19.02.1998).

Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei nº 9.610/98).

As reclamações devem ser feitas até noventa dias a partir da compra e venda com nota fiscal (interpretação do art. 26 da Lei nº 8.078, de 11.09.1990).

Reservados os direitos de propriedade desta edição pela
GZ EDITORA

contato@editoragz.com.br
www.editoragz.com.br

Estrada do Capuava, nº 1325 - Box Q - CEP 06715-410
Bairro Barro Branco - Município de Cotia - SP
Tels.: (0XX21) 99585-0737 / 99755-0737

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Para minha mãe

PRÓLOGO

Há lugares que permanecem em nós de uma maneira diferente. Não porque tenham sido palco dos acontecimentos mais extraordinários da nossa vida, mas porque foi neles que começamos, sem perceber, a olhar o mundo com outros olhos. Durante muito tempo imaginei que essa permanência dependesse da força da memória. Hoje suspeito que seja exatamente o contrário. Os lugares verdadeiramente importantes continuam vivos porque deixam, dentro de nós, uma forma de atenção que sobrevive quando quase todas as lembranças já começaram a perder os seus contornos.

Voltei a essa cidade mais de vinte e cinco anos depois da primeira viagem. Ao caminhar novamente pelas ruas de pedra, descobri uma sensação que jamais experimentara antes. Não era a impressão de regressar a um lugar conhecido, tampouco a de encontrar uma cidade transformada pelo tempo. O que mais me surpreendeu foi perceber que eu já não conseguia distinguir com segurança aquilo que realmente acontecera daquilo que minha memória aprendera, ao longo dos anos, a reorganizar. Algumas ruas pareciam mais estreitas do que eu recordava. Certas praças haviam diminuído. Outras, ao contrário, tornaram-se maiores na lembrança do que jamais foram na realidade. Eu reconhecia fachadas, esquinas e pequenas inclinações das ruas antes mesmo de compreendê-las racionalmente, como se o corpo conservasse um mapa que a inteligência já não fosse capaz de desenhar.

Talvez toda memória funcione assim. Não preserva o passado. Reconstrói-o incessantemente, utilizando fragmentos do que vivemos, do que sentimos, do

que perdemos e até daquilo que gostaríamos que tivesse acontecido. Durante muitos anos essa ideia me inquietou. Se a memória modifica silenciosamente aquilo que recordamos, até que ponto podemos confiar nela quando tentamos contar a nossa própria história? Hoje a pergunta já não me parece tão importante. As lembranças não existem para servir aos tribunais da objetividade. Existem para explicar, imperfeitamente, quem nos tornamos.

Foi somente depois de envelhecer um pouco que compreendi outra ilusão da juventude. Aos vinte e sete anos eu acreditava que seria capaz de reconhecer os grandes acontecimentos no instante em que ocorressem. Imaginava que a vida mudasse de direção por causa de decisões conscientes, despedidas marcantes, perdas irreparáveis ou encontros destinados a permanecer gravados na memória para sempre. A experiência mostrou outra coisa. Quase tudo o que realmente nos transforma chega disfarçado de normalidade. Uma conversa aparentemente comum. Um livro encontrado por acaso. Um professor que faz uma pergunta em vez de oferecer uma resposta. Uma amizade iniciada sem importância aparente. Um silêncio. Um caminho percorrido muitas vezes até deixar de chamar nossa atenção.

Talvez seja por isso que eu tenha demorado tantos anos para escrever estas páginas. Não por receio de ser acreditado ou desacreditado, mas porque durante muito tempo imaginei que precisava compreender completamente o que havia acontecido antes de me sentir autorizado a contá-lo. Era uma pretensão típica da juventude. Como se a narrativa dependesse da posse de uma verdade definitiva. Com o passar dos anos descobri que algumas experiências permanecem fecundas justamente porque resistem às explicações que tentamos impor-lhes. Elas continuam trabalhando discretamente dentro de nós, modificando decisões futuras, alterando a maneira como escutamos as pessoas, influenciando escolhas que, à primeira vista, parecem não guardar qualquer relação com aquilo que um dia vivemos.

A história que pretendo contar pertence a essa categoria. Durante muito tempo tentei aproximá-la das certezas. Em determinados momentos procurei uma explicação inteiramente racional para tudo o que aconteceu. Em outros, fui tentado a aceitar respostas prontas que prometiam eliminar qualquer dúvida. Nenhum desses caminhos me satisfez com-

pletamente. A vida raramente se deixa organizar com tanta facilidade. Existem acontecimentos que parecem ocupar uma região intermediária, onde a realidade e a memória deixam de disputar espaço e passam simplesmente a coexistir, cada uma revelando aspectos que a outra, sozinha, não conseguiria mostrar.

Não peço ao leitor que aceite qualquer interpretação antecipadamente. Ao contrário. Se existe um conselho que a própria vida acabou me ensinando, é o de desconfiar das explicações que chegam cedo demais. Algumas perguntas merecem companhia antes de merecer respostas.

Tudo o que posso afirmar com absoluta segurança é que, no início de 2001, viajei para a Espanha disposto apenas a concluir um curso de pós-graduação em Direito. Levei comigo livros, algumas roupas inadequadas para o inverno castelhano, uma quantidade razoável de expectativas e a convicção, bastante comum aos jovens, de que o futuro dependia principalmente das escolhas que eu faria dali em diante. Não imaginava que grande parte do homem em que me tornaria começaria a ser formada não pelas aulas que frequentaria, nem pelos livros que leria, mas por acontecimentos tão discretos que, quando surgiram, pareciam destinados a desaparecer sem deixar qualquer vestígio.

Se hoje consigo reconhecê-los, é apenas porque o tempo lhes concedeu uma espécie de nitidez retrospectiva. Naquele momento, porém, tudo parecia absolutamente comum.

Havia uma cidade antiga construída sobre a pedra.

Havia um rio contornando suas muralhas.

Havia um jovem brasileiro tentando aprender a viver longe de casa.

E havia, entre tantas outras coisas que então me pareciam igualmente banais, uma pequena cabine telefônica instalada num mirante, diante da qual passei inúmeras vezes sem imaginar que um dia ela ocuparia um espaço tão desproporcional na minha memória.

Se esta história tem realmente um começo, talvez seja ali.

Ou talvez tenha começado muito antes, sem que nenhum de nós pudesse perceber.

SUMÁRIO

Prólogo	VII
Capítulo 1 – Domingo.....	1
Capítulo 2 – A Cidade de Pedra.....	5
Capítulo 3 – Os Primeiros Nomes	24
Capítulo 4 – Os Dias Comuns	48
Capítulo 5 – Uma Casa Espanhola.....	55
Capítulo 6 – As Distâncias	62
Capítulo 7 – Entre Amigos	68
Capítulo 8 – O Cheiro do Café	77
Capítulo 9 – As Vozes	80
Capítulo 10 – O Inverno Aprende a Passar	85
Capítulo 11 – Os Moinhos.....	89
Capítulo 12 – Os Domingos	97
Capítulo 13 – A Cidade e o Tempo	100
Capítulo 14 – Uma Quinta-Feira Qualquer.....	108
Capítulo 15 – Depois do Meio-Dia	112
Capítulo 16 – A Semana Seguinte	133

Capítulo 17 – Os Domingos	144
Capítulo 18 – A cidade que se aprende	151
Capítulo 19 – Abril.....	155
Capítulo 20 – A Voz	158
Capítulo 21 – Os Lugares.....	171
Capítulo 22 – Entre Dois Mundos	177
Capítulo 23 – A Terceira Ligação.....	183
Capítulo 24 – A Vida Verdadeira.....	187
Capítulo 25 – Julgamentos	190
Capítulo 26 – O Que Permanece	194
Capítulo 27 – As Escolhas.....	200
Capítulo 28 – A Liberdade.....	206
Capítulo 29 – O Sofrimento	211
Capítulo 30 – A ligação que ninguém deseja receber.....	216
Capítulo 31 – O peso das escolhas.....	250
Capítulo 32 – O mapa e o caminho.....	278
Capítulo 33 – O Que Despertamos.....	332
Capítulo 34 – A Liberdade de Amar	338
Capítulo 35 – Aquilo que levamos	343
Capítulo 36 – A Última Ligação.....	348
Capítulo 37 – O Retorno.....	353
Capítulo 38 – A Cidade Continua.....	360
Capítulo 39 – O Mirante	368
Capítulo 40 – Aquilo que Permanece	376
Epílogo.....	386